

Ameaça do fundamentalismo religioso no século XXI*

Rony Prudente Cavalcante**

Durante a Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética controlavam suas respectivas áreas de influência, assegurando um relativo equilíbrio de poder e garantindo alguma estabilidade no cenário internacional. Com a queda do Muro de Berlim e a consequente desagregação do Império Comunista, constatou-se a eclosão de diversos conflitos regionais, que levaram diversos povos e nações a buscar, na religião, o amparo para a reconstrução de suas identidades individuais e coletivas.

Essa revivescência religiosa, que tem surpreendido muitos observadores ao redor do mundo, originou, no seio das religiões mono-teístas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), formas de espiritualidade combativa designadas fundamentalistas, destinadas a resgatar doutrinas e práticas do passado, como forma de reagir aos problemas advindos com a modernidade. Sob a orientação de líderes carismáticos, os fundamentalismos religiosos buscam espaço nas estruturas políticas, inspirando sobremaneira a governabilidade de nações, ao mesmo tempo em que instigam os povos à luta em nome de Deus.

A influência marcante dos fundamentalismos cristão, judaico e islâmico na eclosão dos principais conflitos ocorridos após o final da Guerra Fria demonstra toda a capacidade do extremismo religioso de tornar-se uma das grandes ameaças do século XXI e sugere a possibilidade da projeção de cenários que po-

derão vir a constituir-se em potenciais vetores de expansão do fundamentalismo religioso nos tempos vindouros, se o mundo, em crescente processo de globalização, não conseguir refrear os conflitos advindos dos antagonismos provocados pelas religiões.

As perspectivas do fundamentalismo cristão pós-atentados de 11 de setembro de 2001

Depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, a televisão norte-americana usou repetidas vezes a espetacularidade das cenas da explosão e desmoronamento das torres do World Trade Center, colocando ao fundo ou em tarjas pretas mensagens escritas que incitavam um revanchismo nacionalista. Em questão de horas, o mundo voltou a ser bipolar e a retórica televisiva apoiada pelo governo Bush dividiu o mundo entre “bons” e “maus”.

Os debates em torno das causas do atentado permaneceram em círculos restritos e boa parte da população norte-americana era incapaz de associá-los a décadas de política externa, que financiou – com a mesma facilidade com que descartou – movimentos fundamentalistas ou governos autoritários, para salvaguardar seus interesses estratégicos, “sua democracia” e seu *way of life* (modo de vida norte-americano).

John Ashcroft, Ministro norte-americano da Justiça e fundamentalista cristão convicto, manifestou-se favorável a perseguir muçulmanos suspeitos de terrorismo com “leis especiais e tribunais militares secretos”. No entanto, a

* Colaboração da ECEME.

** O autor é Major de Engenharia e de Estado-Maior.

sua atitude sacrificou a liberdade e os direitos civis em nome da segurança, o que no final das contas apenas serviu para criminalizar as relações sociais, alimentando a insegurança e o ódio, sem apresentar qualquer contribuição que amenize as reais causas do fundamentalismo islâmico.

Por outro lado, o tom fundamentalista religioso dos discursos do Presidente norte-americano George W. Bush vem ecoando cada vez mais negativamente na Europa, onde líderes que invocam Deus em tempo de guerra em geral são suspeitos de abusar da fé para fins políticos.

A discussão com os europeus reflete tanto a muito difundida oposição à guerra contra o Iraque quanto uma cisão mais profunda entre um continente onde a fé religiosa está em baixa e os EUA, país no qual os valores religiosos têm, hoje, provavelmente, um papel político dos mais relevantes ao longo de sua história.

O próprio entendimento do conceito de “religião civil” ou “fé norte-americana”¹ representa, atualmente, o grande trunfo nas mãos dos fundamentalistas cristãos norte-americanos, largamente infiltrados em todas as esferas de poder do governo Bush. Ao expressar a crença de que Deus chamou os Estados Unidos para serem um “novo Israel”, um país com chances iguais para todos e que deveria servir como exemplo diante do resto do mundo, a “religião civil” tornou-se a base para que o Governo norte-americano aplicasse a todo o mundo a sua teologia do “destino manifesto”.

Essa teologia, lançada em 1879 por John Fiske, teve um enorme impacto em todo o país, possivelmente porque interpretava e ainda interpreta aspirações profundas da população e alimenta o orgulho nacional. Ela fundava o projeto de grandeza daquela nação que nascia. Projeto imperial que ela, diga-se de passagem, ha-

via herdado diretamente do seu colonizador, a Grã-Bretanha (seu principal aliado na mais recente investida contra o Iraque), e que preconizava a visão messiânica de uma sociedade nascente, com um povo eleito chamado a instaurar nas terras conquistadas uma nova humanidade e, em perspectiva, exercer sua hegemonia sobre o mundo.

Ela exprime claramente a convicção e o orgulho do povo norte-americano de ser chamado pela Divina Providência a cumprir, na História, um destino excepcional. Sinal evidente dessa missão é, exatamente, a seus olhos, a convergência entre a superioridade da força econômica, política e militar do seu país e a superioridade dos valores ocidentais de liberdade e democracia, que os EUA representam e que se sentem chamados a defender por todos os meios.

A leitura dos acontecimentos atuais, sob este ponto de vista, é a de uma nação que vê ameaçado seu destino manifesto e os valores que tem a missão histórica de defender. Ela se sente, portanto, não só no direito como também no dever de reafirmar o seu destino, pondo toda a sua força econômica, política e militar a serviço dos valores ocidentais e contra as forças do mal, representadas pelo terrorismo mundial e pelos países que o protegem.

O Afeganistão e o Iraque provavelmente foram apenas o primeiro passo nessa luta contra as supostas forças do mal. O recente acirramento dos combates entre as tropas das coalizões, comandadas pelos norte-americanos, e as resistências afegã e iraquiana, com um número expressivo de baixas de todos os lados, demonstra como lideranças fundamentalistas de ambas as partes, levadas pela doutrina do sacrifício de sangue, podem confrontar-se em arenas cada vez mais violentas. Na verdade, o

¹ *Civil Religion* (Religião Civil) ou Fé Norte-americana, uma espécie de fusão da religião com interesses nacionais e que se constitui na base da consciência nacional norte-americana.

componente religioso nesses conflitos ainda tem potencial suficiente para transformar aquelas regiões no “barril de pólvora” do planeta.

As perspectivas do fundamentalismo judaico e da direita israelense

Uma das principais razões pelas quais o então Primeiro-Ministro israelense Yzhak Rabin concordara em fazer a paz com a OLP fora o seu temor de que os fundamentalistas do Hamas acabassem conquistando a hegemonia nos territórios. Ao mesmo tempo, ele refletia sobre a ameaça fundamentalista no Oriente Médio como um todo e afirmava que, se nada fosse feito para reverter essa tendência, a região podia ser engolida pelo fundamentalismo dentro de cinco anos, ameaçando não só Israel como também todos os atuais regimes árabes.

A ascensão de Ariel Sharon à frente de um novo governo de direita, devidamente apoiado pela quase totalidade de grupos e partidos fundamentalistas judeus, interrompeu os sonhos de reconciliação no Oriente Médio, na medida em que a política de construção de assentamentos judaicos continuou a ser implementada na Cisjordânia e afastou-se inteiramente qualquer possibilidade de negociação acerca do *status* de Jerusalém, cidade que, além de ser sagrada para judeus, cristãos e muçulmanos, é considerada pelo povo palestino como a própria capital do Estado que um dia sonham oficialmente instituir. Tais fatos contribuíram notadamente para alimentar a idéia de restauração da Terra Prometida, conforme a crença original dos antigos judeus e que se constitui na base do atual fundamentalismo judaico em Israel.

Após rejeitar todos os apelos e propostas de paz apresentados em parceria pela ONU, União Européia e Rússia, que buscavam for-

mas de pôr fim à onda de atentados suicidas cometidos por grupos de extremistas muçulmanos e às ocupações de vilas e cidades palestinas levadas a efeito pelo Exército de Israel, Sharon decidiu viabilizar a construção de uma barreira fortificada nos 400km da linha verde, a fronteira que até 1967 separou Israel da Cisjordânia, favorecendo a concretização da triste profecia de Rabin acerca da expansão do fundamentalismo islâmico na região.

Ainda como forma de conter o avanço dos fundamentalistas islâmicos, o primeiro-ministro israelense reinaugurou uma política oficial (que havia caído em desuso após a assinatura dos acordos de paz de 1993) de assassinatos seletivos de líderes de organizações fundamentalistas, resultando na recente eliminação do guia espiritual e fundador do Hamas, o xeque² Ahmed Yassin, e a conseqüente promessa de vingança por parte do povo palestino.

Contando com o apoio financeiro e o manto protetor dos EUA, que lhe faculta a posse de armas nucleares, Israel mostra-se, assim, totalmente indiferente aos protestos do mundo árabe-muçulmano e continua ignorando as resoluções da ONU e atacando inimigos dentro ou fora de suas fronteiras, sem incorrer no risco de sofrer sanções internacionais que punem comportamentos semelhantes em outros países.

No bojo dos atuais sentimentos de fúria e desespero, encontram-se os descaminhos da recente política externa norte-americana: na frente diplomática, há 25 anos, os EUA vêm bloqueando um consenso internacional quase unânime quanto a um acordo político para encerrar o conflito entre Israel e os palestinos.

Ao mesmo tempo em que a manutenção dos assentamentos judeus em territórios palestinos expressa o triunfo político do fundamentalismo judaico em Israel, os resultados visíveis no presente conflito com grupos funda-

² Xeque ou Xeique (árabe). “Velho”, líder de uma tribo; pessoa com autoridade religiosa, sábio.

mentalistas islâmicos sugerem que a Palestina, apesar de ser uma terra sagrada para cristãos, judeus e muçulmanos, ainda se encontra distante do caminho da verdadeira paz sonhada para a região.

Os pólos de irradiação do fundamentalismo islâmico

Embora as interconexões entre a crença muçulmana, o fundamentalismo islâmico como filosofia e modo de vida e o Islamismo político sejam complexas, não lineares e não automáticas, esses vínculos existem em grande parte nas comunidades islâmicas ao redor do mundo.

Contudo, o notável crescimento do Islamismo na atualidade não pode ser dissociado de uma singular capacidade de expansão do fundamentalismo muçulmano, a partir de cinco grandes centros internacionais de avivamento e financiamento de um Islã militante. O conhecimento e o controle desses pólos de irradiação, que apóiam a ação de redes terroristas em todo o mundo, são essenciais para refrear e combater o avanço do fundamentalismo religioso no Islã.

O primeiro pólo é a Arábia Saudita e as instituições que ela controla: Liga Islâmica Mundial (fundada em 1963), Organização da Conferência Islâmica (OCI) e outras organizações não-governamentais (ONGs) religiosas e de assistência beneficente a muçulmanos necessitados em outras partes do mundo. O ponto nevrálgico da guerra de conquista político-religiosa é o dinheiro proveniente da atividade de doações privadas e dos bancos islâmicos sauditas como o Dar-al-Mal al-Islami (“a casa do dinheiro islâmico”) e o Dalla al-Baraka (“a bênção”). Exa-

tamente esses bancos islâmicos, em cooperação com a Liga Islâmica Mundial e a OCI, propiciaram a instalação de dezenas de ONGs islâmicas no Paquistão, com numerosos escritórios na Europa, nos EUA e ramificações no mundo inteiro. As duas mais importantes são a International Islamic Relief Organization (IIRO) e a Islamic Relief Agency (ISRA) que, por terem sido experimentadas no curso da Guerra do Afeganistão contra os russos, permanecem inteiramente ativas com a finalidade de continuar a “revolução islâmica” contra os regimes árabes seculares na África (Tunísia, Argélia, Egito), na ex-Iugoslávia, sobretudo na Bósnia e em Kosovo, no Daguestão e na Chechênia, na Ásia Central, enfim, onde os “combatentes do Islã” estiverem às voltas com “poderes infiéis”, quer estes sejam legítimos, quer não.

O segundo pólo de irradiação islâmica engloba o Paquistão/Afeganistão, assim como as organizações apoiadas por esses países: Congresso do Mundo Muçulmano, Tabligh, Jamaat-e-Islami paquistanesa, talibãs, Internacional Afegã, Al-Qaeda de Osama bin Laden e outras menores. Os fundamentalistas paquistaneses e seus irmãos de armas do Afeganistão e da Caxemira constituíram uma verdadeira “internacional islâmico-terrorista-sunita”,³ inspirando hoje a maior parte das guerrilhas separatistas ou minorias ativistas islâmicas de cunho terrorista ou revolucionário que ameaçam a soberania nacional e a integridade territorial de países por elas habitadas.

O terceiro pólo é originário do Egito e é representado pela célebre Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, fundada em 1928 pelo jovem professor Hassan al-Banna e considerada vital na gênese do fundamentalismo islâmico. Extre-

³ Islamismo Sunita: Corrente muçulmana surgida na época da morte do profeta Maomé (570-632) e que, atualmente, compreende cerca de 85% da comunidade islâmica mundial. Consideram-se seguidores diretos da tradição do Profeta, continuada por seu tio All-Abbas. Para os sunitas, a autoridade espiritual pertence à comunidade como um todo. Subdividem-se em quatro grupos menores: os hanafitas, os malequitas, os chafeitas e os hambanitas.

mamente politizada, essa organização controla quase metade das associações islâmicas na Europa. Uma delas, em especial, a Fundação Islâmica de Genebra, reveste-se de uma dimensão capital porque se irradia pelo continente europeu e está na origem de um novo feudo fundamentalista transnacional à imagem de seus altos funcionários educados na Suíça, entre os quais se destacam os irmãos Hani e Tariq Ramadan, netos de Al-Banna. Carismático e vestindo-se à moda ocidental, Tariq, professor de letras, multiplica as conferências por toda a Europa, onde se beneficia de uma grande popularidade junto a jovens que se reúnem aos milhares para ouvi-lo. Os Irmãos Muçulmanos operam de acordo com as organizações ligadas à Arábia Saudita na gestão de associações e de centros religiosos, como a Faculdade Europeia de Estudos Islâmicos de Nièvre, que forma os futuros imames⁴ europeus à luz da doutrina de Al-Banna e do wahhabismo.⁵

O quarto pólo de avivamento do Islamismo mundial é o Irã xiita.⁶ Após contribuir com enormes quantias em dinheiro e mesmo com uma unidade da Guarda Republicana Iraniana composta por quatrocentos homens em 1994, visando ao desenvolvimento do poderio militar bósnio na guerra da ex-Iugoslávia, o Irã continuou a demonstrar vivo interesse nos Balcãs. Segundo fontes oriundas dos serviços de inteligência norte-americanos, os fundamentalistas religiosos iranianos teriam estabelecido, desde 1997, uma potente infra-estrutura militar-terro-

rista na região, patrocinando o treinamento e a preparação dos combatentes do Exército de Libertação de Kosovo na Albânia, com financiamento oriundo de filiais de bancos islâmicos e ONGs instalados na região. Apesar do esforço empreendido pelo regime moderado do Presidente Mohamad Khatami, contramedidas agressivas tomadas pelos conservadores de linha-dura como o Aiatolá⁷ Ali Khamenei, o líder religioso supremo do Irã, bloquearam a maior parte dos esforços reformistas, levando o país a permanecer como um dos mais ativos patrocinadores estatais de terrorismo, particularmente junto ao Hezbollah libanês e aos grupos palestinos rejeicionistas, notadamente o Hamas e a Jihad Islâmica palestina.

O quinto pólo de difusão do Islã militante, mais recente que os demais, refere-se aos Balcãs, surgido na década de 1990 com o desmantelamento da ex-Iugoslávia. Desde 1991, os órgãos oficiais da Comunidade Religiosa Islâmica (CRI) tinham declarado que, depois de terem estabelecido um Estado islâmico na Bósnia, a prioridade consistiria em fazer desse Estado muçulmano um centro para a expansão islâmica ao restante do mundo.

Além disso, sobressai-se, ainda, a presença de grandes quantidades de fundamentalistas de origem albanesa, árabe, turca, chechena, afegã ou paquistanesa, naturalizados “cidadãos bósnios” depois da guerra contra os sérvios, em sinal de agradecimento por “serviços prestados”, o que reforça a vocação geopolí-

⁴ Imam ou Imã ou ainda Imame (árabe). Plural: imames. Título religioso que indica aquele que “está à frente”, que guia a oração coletiva na mesquita. Entre os xiitas, o título foi usado pelos 12 descendentes de Ali que se sucederam na chefia da comunidade e, por isso, é atributo de poucos eleitos, como o Imã Khomeini.

⁵ Wahhabismo: Islã oficial do Estado árabe, surgido no final do século XVIII, cujo objetivo era de retornar à “pureza primeira do Islã”, depurando-o de toda crença que não esteja de acordo com o princípio islâmico supremo da unidade absoluta de Deus.

⁶ Islamismo xiita: Corrente muçulmana contrária aos sunitas e também surgida na época da morte de Maomé. Os xiitas são partidários de Ali, genro de Maomé, que acreditava que a sucessão do Profeta devia se dar pela herança familiar, pois seus descendentes seriam os únicos que teriam a chave para interpretar corretamente os ensinamentos do Islã. Os xiitas representam aproximadamente 15% dos muçulmanos e consideram-se líderes da comunidade e continuadores da missão espiritual de Maomé.

⁷ Aiatolá (árabe). “Sinal de Deus”; título honorífico dos mais altos *mujtahid* (eminente estudioso xiita).

dos EUA ou de Israel contra muçulmanos poderá redundar num vetor de motivação para retaliações por parte de fundamentalistas islâmicos.

A expansão do poder financeiro do fundamentalismo islâmico

São abundantes as fontes de financiamento do fundamentalismo islâmico no mundo. Todas as organizações fundamentalistas islâmicas que atuam no Afeganistão/Paquistão e na Ásia Central vêm sistematicamente lucrando com o tráfico de drogas proveniente dessa região, com o qual Bin Laden tem forte envolvimento. Se, na década de 1980, as rotas de exportação de drogas atravessavam apenas o Paquistão, atualmente elas se estendem pelo Irã, China, países centro-asiáticos e Golfo Pérsico, financiando a compra de armas e o ativismo político levado a efeito por esses movimentos.

Por outro lado, tem sido considerável, também, o envolvimento do fundamentalismo islâmico, na América Latina, em uma variável gama de atividades ilícitas diretamente conectadas com o narcoterrorismo, especialmente na região da tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai. De acordo com o General James Hill, Comandante do Comando Sul dos EUA, em entrevista à Coronel Melanie Reeder da *Military Review* (2003), o volume de lavagem de dinheiro do tráfico de drogas é enorme e esse dinheiro vai diretamente para o Hezbollah, para o Hamas e para outros grupos de fundamentalistas.

Uma vasta rede de negócios lícitos contribui igualmente de forma generosa para a expansão do “jihad universal”. De acordo com Bodansky (2001), Osama bin Laden mantém uma rede de “companhias”, parcerias e entidades em nome de outras pessoas, que interagem entre si e, por fim, encontram-se ocultas em outra camada de entidades financeiras internacionais maiores, de modo que seu envolvimento em qualquer empreendimento não venha a

ser descoberto. Seus investimentos compreendem *holdings* imobiliárias, transporte marítimo, empresas comerciais, de construção civil, de contratação, locação de aeronaves e agrícolas, com ramificações em todos os continentes, incluindo a participação em negócios legais que visem ao apoio a países islâmicos mais pobres, como o Sudão e o Iêmen.

Vale ressaltar que os EUA têm sido uma das principais fontes de recursos do fundamentalismo islâmico desde o início da década de 1980. Em 1985, houve, em Dallas, no Texas, terra onde o atual Presidente Bush foi governador, uma das maiores conferências de líderes islâmicos fundamentalistas de todos os tempos, a que estiveram presentes, inclusive, vários chefes ligados à rede Al-Qaeda de Bin Laden.

Todas essas considerações levam a crer que, sem um esforço ainda maior e mais integrado por parte dos EUA e de seus aliados no combate a essas fontes de financiamento, o fundamentalismo islâmico continuará a dispor de meios consideráveis para travar “guerras santas” em boa parte do mundo.

O perigo das armas de destruição em massa

A obtenção ou produção de armas de destruição em massa por terroristas fundamentalistas ou Estados islâmicos, que apóiam a ação de tais grupos, configura-se atualmente no maior temor da comunidade internacional, mormente dos EUA e de seus aliados. A queda de Saddam Hussein, por ocasião da segunda Guerra do Golfo, acabou por mostrar ao mundo que o Iraque já não possuía quaisquer projetos de desenvolvimento de tais armas e de vetores balísticos, tendo estes sido suspensos ou fracassados.

A Líbia, como provável conseqüência da vitória norte-americana no Golfo e desejosa de participar mais ativamente da comunidade internacional, abriu mão dos seus projetos de

armas de destruição em massa. Entretanto, o conhecimento de tal tecnologia ainda tem-se constituído num forte desejo acalentado por algumas nações islâmicas, como Argélia, Síria ou Irã, que não abandonaram a intenção de obter ou produzir essas armas.

Em agosto de 2002, a rede de televisão norte-americana CNN comprou, no Afeganistão, um pacote de fitas de vídeo que exibia uma série de experiências da rede Al-Qaeda com armas químicas sendo utilizadas em animais.

Segundo Yossef Bodansky (2001), vírus que causam doenças mortais, como o ebola e a salmonela, já foram obtidos na Rússia, assim como amostras da biotoxina botulina e do mortífero antraz foram adquiridas, respectivamente, na República Tcheca e na Coreia do Norte. Em março de 2003, por ocasião da captura do chefe operacional da Al-Qaeda, Khalid Shaik Mohammed, foram apreendidos diversos documentos que revelaram a existência de material suficiente para produzir toxinas letais.

Inúmeros relatórios de serviços de inteligência norte-americanos sugerem ainda que Bin Laden tem recorrido a organizações criminosas na antiga União Soviética, na tentativa de adquirir artefatos nucleares. De acordo com Bodansky (2001), tanto o próprio serviço de inteligência russo como vários serviços de inteligência árabes compartilham a idéia de que é possível que a Al-Qaeda, com o apoio da máfia chechena, já tenha adquirido algum tipo de artefato nuclear tático ou portátil das repúblicas islâmicas da Ásia Central, particularmente da Ucrânia, Turcomenistão ou Cazaquistão. Acredita-se, também, que teria obtido sucesso igualmente na compra de urânio da África do Sul, o que lhe permitiria, teoricamente, construir um explosivo nuclear rudimentar.

A recente descoberta do contrabando de segredos militares do Paquistão para a Coreia do Norte e Irã, envolvendo Abdul Kader Khan, cientista reverenciado como o próprio "pai" da

bomba nuclear paquistanesa, reforça a possibilidade concreta de que esse tipo de armamento possa vir a ser desenvolvido por grupos que estejam dispostos a pagar o preço que for necessário para obtê-lo.

A posse de armamentos de destruição maciça por organizações fundamentalistas islâmicas acarretaria, sem dúvida alguma, na sua utilização imediata como forte instrumento de pressão contra os supostos inimigos do Islã. Tal fato criaria condições ainda mais propícias para a expansão de seu jihad universal.

A repressão assimétrica ao Islã fundamentalista no Afeganistão e na Ásia Central

As ameaças do fundamentalismo islâmico, a partir de grupos como o Talibã, a Al-Qaeda, o Movimento Islâmico do Uzbequistão (MIU), dentre outros, têm evidenciado as fragilidades das três grandes potências, EUA, China e Rússia, com interesses na Ásia Central e no Afeganistão, obrigando-as a se unir em acordos bilaterais.

Os acontecimentos de 11 de setembro enfatizaram dramaticamente o desejo de Rússia e China passarem a cooperar com os Estados Unidos no objetivo de eliminarem o terrorismo e o fundamentalismo islâmico naquelas regiões. A consequência imediata foi a retração dos protestos, habitualmente impetrados pelo Governo norte-americano, contra abusos de direitos humanos no Tibete (em Xinjiang) e no Cáucaso (Chechênia e Daguestão), levando Washington a não mais reclamar das repressões chinesa e russa aos separatistas uigures e chechenos, respectivamente.

O fato de essas etnias de religião muçulmana serem igualmente tratadas como expressões regionais do fanatismo talibã gera, no seio da população islâmica, uma feroz resistência diante das tentativas de sufocá-las ou subjugá-las, levando a crer que a ação conjunta de rus-

sos, norte-americanos e chineses contribuirá ainda mais para acirrar o fundamentalismo religioso naquela parte do mundo, que concentra algumas das maiores reservas de petróleo e gás natural do planeta.

Os efeitos da imigração e do isolamento na comunidade islâmica

O crescimento demográfico exponencial no Norte da África tem desencadeado inúmeros problemas socioeconômicos e políticos nas sociedades árabes. A incapacidade de absorção da força de trabalho nessas sociedades e a procura de melhores condições de vida levam muitos muçulmanos a emigrar, escolhendo outros países árabes, designadamente os produtores de petróleo ou os países desenvolvidos da Europa Ocidental, que por sua vez não têm apresentado crescimentos substanciais na oferta de trabalho. Esses movimentos de imigrantes dão origem a muitos e diversificados problemas, sobretudo na sua integração nas sociedades de acolhimento.

Na verdade, os trabalhadores imigrados constituem alvos fáceis de aliciamento por parte dos grupos fundamentalistas, já que, ao sentirem-se marginalizados e inferiorizados frente aos naturais do país de acolhimento, os imigrantes tendem a encontrar refúgio em ideologias religiosas radicais, com as quais possam identificar-se minimamente.

No caso da Europa, organizações islâmicas extremistas praticam ostensivo proselitismo em torno da idéia de um regime político-jurídico, que exorbita do direito comum, e de um espaço extraterritorial, que rejeita até mesmo a aplicação das leis européias em vigor. Isso facilitaria a conquista de suas principais reivindicações, que, segundo Valle, seriam, grosso modo, as seguintes:

1) Direito de criar escolas livres islâmicas particulares ou, na falta delas, cursos de instru-

ção islâmica, esmolarias e locais de prece islâmicos não-mistos;

2) Dispensa de alguns cursos (ginástica, biologia) para moças e o direito ao uso do véu em escolas públicas de países que, recentemente, aprovaram leis com esta proibição, como a França;

3) Exclusão de obras supostamente ofensivas ao Islã, como as de autoria de Dante Alighieri, Victor Hugo ou Voltaire;

4) Reconhecimento das regras islâmicas em matéria de estatuto pessoal: casamento muçulmano, repúdio, poligamia, herança (não equitativa para as mulheres) cemitérios ou canteiros muçulmanos separados;

5) Criação de partidos islâmicos e o apoio a candidatos que defendam os interesses da comunidade muçulmana.

De modo a reverter essa situação, torna-se urgente apostar globalmente no estabelecimento de medidas que permitam às comunidades de imigrantes muçulmanos integrarem-se às sociedades ocidentais, sem perder a sua própria identidade e cultura. A tendência ao isolamento em "guetos" de tais comunidades, por parte, principalmente, de europeus e norte-americanos, só estimula a aceitação de tendências radicais e a conseqüente expansão do fundamentalismo islâmico.

O confronto fundamentalismo *versus* democracia no Irã

Ocorre atualmente no Irã uma das mais promissoras tendências do mundo muçulmano: um esforço para reformar o Islã, combinado com o surgimento de movimentos democráticos. Após a esmagadora vitória da Frente de Participação nas eleições legislativas de 18 de fevereiro de 2000, a maioria dos assentos no Parlamento coube aos simpatizantes reformadores do Presidente Mohamad Khata-mi. Sucedendo aos triunfos das eleições presi-

denciais (maio de 1997) e municipais (março de 1999), esse movimento confirmou a intensidade da demanda de mudança expressa pela sociedade iraniana.

Após a vitória da Revolução Iraniana, em 1979, e inspiradas pelo igualitarismo, pelo anti-sionismo e pelo antiamericanismo, as idéias do Islã iraniano difundiram-se por todo o mundo muçulmano, especialmente nos países mais desfavorecidos, com Teerã procurando liderar o estabelecimento de redes para favorecer a conquista do poder pelos fundamentalistas islâmicos.

Entretanto, Ignacio Ramonet (2002), ao analisar a atual situação do Estado iraniano, argumenta que esse projeto fracassou, na medida em que o regime revolucionário encontra-se, no plano interior, em plena confusão, degradado pela corrupção generalizada, denegrido pela vastidão do desastre econômico, dilacerado por graves enfrentamentos internos, desacreditado por seus excessos na repressão e criticado por seu conformismo reacionário em matéria de costumes. Seus três grandes sucessos são de ordem social (os mais humildes beneficiaram-se da revolução); educacional (campanhas de alfabetização, generalização do ensino gratuito e o acesso de mais de dois milhões de estudantes, predominantemente mulheres, ao ensino superior); e democrático, com a realização de eleições transparentes em maio de 1997, março de 1999 e fevereiro de 2000.

Paradoxalmente, esses três sucessos agravaram sensivelmente o descrédito do regime teocrático original, uma vez que, profundamente transformadas, educadas e politizadas, as gerações mais jovens foram as primeiras a demonstrar suas frustrações. As mulheres, os jovens, os intelectuais, todos passaram a exigir mudanças que se opusessem ao confisco da revolução por um clero detestado em todo o país que, embalado pela forte presença estatal na economia, acabou se enriquecendo, acumulando

do fortunas pessoais, provocando o esvaziamento das mesquitas e sendo incapaz de dar um novo impulso ao país.

O centro do debate entre conservadores e reformistas é o questionamento do caráter teocrático da República Islâmica, e as consequências daí advindas poderão ter um profundo impacto no mundo muçulmano. Os reformistas afirmam que a instituição do *velayat faguih*, que estabelece a autoridade de um “guia supremo” não-eleito (atualmente o Aiatolá Ali Khamenei) acima da autoridade do presidente da República designado pelas urnas, não tem legitimidade divina.

Com esse espírito, os reformistas têm feito campanha pelo fim da onipotência do dogma religioso, o estabelecimento de um Estado de direito, o multipartidarismo, a liberdade de opinião, o direito dos intelectuais à crítica e a ampliação do acesso das mulheres aos postos de responsabilidade, procurando expressar-se por meio de centenas de novos jornais e revistas que mostram uma efervescência intelectual e uma atividade criadora formidáveis.

Os conservadores, por sua vez, dominam o Poder Judiciário, a grande mídia (rádio e televisão), o poder econômico, a polícia, as Forças Armadas, as milícias paramilitares e o Conselho de Guardiães, um corpo composto por 12 clérigos e juristas islâmicos, responsável pelo veto de leis e candidatos em eleições.

No início de janeiro de 2004, o Conselho de Guardiães vetou a candidatura de grande número de reformistas a postos no Parlamento, nas eleições de 20 de fevereiro, gerando protestos e a renúncia de quase todos os deputados reformistas ou independentes. A manobra do Conselho de Guardiães tinha como objetivo final a maioria no Parlamento, o que de fato ocorreu, gerando protestos por todo o país.

Colocado de outra forma, o que está acontecendo no Irã de hoje é exatamente a guerra

de idéias dentro do Islã, que é a guerra mais importante de todas. Esse embate deve ser acompanhado atentamente por todo o mundo ocidental, pois o resultado final poderá representar a diferença entre o início de uma onda reformista no Islã ou a consolidação da instituição do Estado teocrático, um dos grandes objetivos preconizados pelo fundamentalismo islâmico.

A África como terreno fértil para o fundamentalismo islâmico

Logo depois dos atentados de 11 de setembro e no contexto da resposta militar norte-americana contra os talibãs e de um possível futuro ataque contra a Somália, insinuou-se a possibilidade de um aproveitamento da África como campo de batalha contra o terrorismo islâmico. Discutiu-se, em círculos governamentais e acadêmicos norte-americanos, um possível vínculo entre o subdesenvolvimento, o fundamentalismo islâmico e o terrorismo. Concluiu-se que a desintegração dos Estados na África (a Somália, por exemplo) e o desmembramento das sociedades não somente teriam criado um terreno fértil para a proliferação de um Islamismo radical, mas também teriam oferecido para os grupos terroristas espaços seguros e protegidos. Uma resposta adequada seria, segundo os debates, um apoio maciço à reestruturação da capacidade democrática e governamental dessas sociedades, envolvendo um compromisso sério com o desenvolvimento social desses países.

Embora a política dos Estados Unidos para o continente africano esboçasse, por um breve momento, essa dupla abordagem de repressão ao terrorismo islâmico e política de desenvolvimento, a África, lamentavelmente, logo caiu novamente no esquecimento. Embora certamente não exista um automatismo entre Islã e fundamentalismo, a desestruturação de muitas

sociedades africanas, bem como o empobrecimento e a desorientação social e cultural de grandes populações no continente, continuará favorecendo, se nada for feito em contrário, a abertura crescente para a busca de soluções no campo do fundamentalismo religioso.

Conclusão

Ao verificar-se a real influência do fundamentalismo religioso na eclosão dos principais conflitos ocorridos no mundo pós-Guerra Fria e sua capacidade de expandir-se no século XXI, torna-se essencial compreender que quaisquer iniciativas que busquem a solução do fenômeno fundamentalista devem considerar a relevância de três grandes constatações.

A primeira é a de que a relação de complementaridade estabelecida entre fundamentalistas cristãos e judeus constitui-se num importante vetor da própria aliança EUA/Israel. Os objetivos estratégicos dos Estados Unidos e de Israel no Oriente Médio fundem-se atualmente em uma unificada Doutrina Bush-Sharon, que, ao efetivar o isolamento do povo palestino, contribui decisivamente para o surgimento de reações em todo o mundo muçulmano e até mesmo para o aumento das tensões entre o Ocidente e o Oriente.

A segunda diz respeito à atuação da rede Al-Qaeda no processo de evolução do fenômeno fundamentalista no Islã. Ao viabilizar a conjunção de interesses de grupos fundamentalistas islâmicos nacionais em objetivos e metas comuns, a Al-Qaeda consolida-se como uma verdadeira rede global de terror, intermediando e patrocinando, talvez pela primeira vez na história, a união entre muçulmanos sunitas e xiitas em torno dos mesmos inimigos: Israel, EUA e seus aliados. A expansão dessa ideologia pan-islâmica haverá de considerar, necessariamente, a capacidade de fundamentalistas muçulmanos assumirem o controle do Paquistão (com

sua imensa rede de *madrasas*¹³ e suas armas nucleares) e do Irã (com seu expressivo poderio militar, aliado à experiência política de primeiro Estado teocrático do mundo islâmico). O êxito dessa empreitada seria o maior trunfo do fundamentalismo islâmico, já que contaria com forte poder de pressão e dissuasão nas relações internacionais, contrabalançando o peso dos EUA e seus aliados no concerto das nações.

A terceira e última constatação é o sentimento da importância vital do chamado “fator Jerusalém”. Jerusalém é o ponto de convergência dos fundamentalismos monoteístas, uma vez que é considerada uma terra sagrada para judeus, cristãos e muçulmanos. A questão político-religiosa que envolve a posse daquele território tem suscitado conflitos, que se arrastam por mais de meio século, com desdobramentos que abrem espaço cada vez maior para a ação dos mais diversos grupos fundamentalistas religiosos. A busca de soluções pacíficas para pôr fim ao extremismo religioso no mundo dificilmente deixará de considerar a definição do *status* político de Jerusalém como uma das suas questões mais complexas.

Essas constatações demonstram todo o potencial do fundamentalismo religioso para tornar-se uma das maiores ameaças às relações internacionais e à paz entre as nações no presente século.

Os atentados terroristas de setembro de 2001 nos EUA acabaram provocando o acirramento de ânimos em favor de teses como a do “choque de civilizações”. Falou-se em cruzada, em luta do bem contra o mal, da liberdade contra o medo etc. A reformulação da ideologia da Guerra Fria, agora temperada com a tensão do Ocidente contra o resto do mundo, ganha terreno em corações e mentes. A afirmação dessas teses que buscam opor civilizações favo-

rece a hostilidade e impede o fomento de melhor compreensão dos acontecimentos atuais.

Defender posturas, que limitam o lugar e o sentido das identidades culturais, é ocultar um dado fundamental da realidade atual: a passagem da identidade no mundo moderno para um “regime plural”. Não se pode mais limitar o alcance das identidades e o sentido de sua pertença. A defesa de um “choque de civilizações” acaba por revelar, na realidade, o que Edward Said (2001) definiu como um “choque de ignorâncias”, ou seja, querer transformar civilizações e identidades em algo que elas não são, entidades estanques e fechadas, destituídas das múltiplas correntes e contracorrentes, que animam a história humana e que, ao longo dos séculos, tornaram possível que essa história não apenas contenha guerras de religião e conquistas imperiais, mas que também seja feita de intercâmbios, fertilizações entrecruzadas e partilhas. Um novo paradigma para as relações internacionais, que tenha como efetivo horizonte o bem-estar humano, não será possível em uma atmosfera de revanchismos e enclausuramentos conservadores.

Um mundo sem fundamentalismos religiosos só será possível se deixar de refletir a imensa inquietação de grupos humanos, que se sentem excluídos no processo de globalização. Faz-se necessário, mais do que nunca, uma reforma profunda da sociedade, que inclua a experiência de uma nova globalização, onde todos possam vivenciar e escutar as diversidades de culturas, ideologias, experiências e tradições religiosas opostas, visando ao convívio pacífico entre as nações.

Nesse sentido, a ação de líderes religiosos sensatos pode contribuir decisivamente para a busca de soluções positivas. Suas participações em mesas de negociações podem ajudar a promover a harmonia, a apoiar um processo

¹³ Madrasa ou Madraçal (árabe). Faculdade ou seminário islâmico cujo currículo concentra-se em disciplinas religiosas, sobretudo na lei islâmica.

de mudança social bem-intencionado e, se for o caso, a estabelecer uma tradição pacífica e suave de transferência política do poder.

E até que se entenda, segundo as palavras do teólogo cristão Hans Küng (2004), que “não

haverá paz política se não houver simultaneamente paz religiosa”, o fundamentalismo religioso será um poderoso instrumento por meio do qual muitos ainda haverão de matar ou morrer em nome de Deus. ☹

Referências bibliográficas

- ALI, Tariq. *Confronto de fundamentalismos*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BODANSKY, Yossef. *Bin Laden: o homem que declarou guerra à América*. São Paulo: Prestígio, 2001.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo, a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- DEL VALLE, Alexandre. *Guerras contra a Europa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2003.
- DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FALCONI, Fabrizio; SETTE, Antonello. *Osama Bin Laden, terrorre dell'Occidente*. Roma: Fazi Editore, 2001.
- GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HUNTINGTON, Samuel P. “If not Civilizations, what? - Paradigms of the Post-Cold War World”. *Foreign Affairs*, n. 5, p. 186-194, 1993.
- . *O choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- KEPEL, Gilles. *Jihad: expansão e declínio do Islamismo*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2003.
- KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. Campinas: Versus, 2004.
- RAMONET, Ignacio. *Guerras do século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- RASHID, Ahmed. *Jihad – A ascensão do Islamismo militante na Ásia Central*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- SAID, Edward. “O choque de ignorâncias”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 out. 2001. Caderno A, p. 16.
- SCOWEN, Peter. *O livro negro dos Estados Unidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- STERN, Jessica. *Terror em nome de Deus*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Coleção General Benício

Paulo Napoleão Nogueira da Silva



Crônica de
Dom João VI

Crônica de Dom João VI

Paulo Napoleão Nogueira da Silva

Nesta obra original e instigante, o autor aborda a figura de D. João VI, ressaltando suas potencialidades de governante e suas inegáveis capacidades políticas, tanto para Portugal quanto para o Brasil, onde foi uma das mais importantes figuras do limiar da independência. O autor apresenta seu trabalho de forma desenvolta e leve por meio de um estilo literário escorreito. Com este lançamento, a Biblioteca do Exército promove resgate da verdadeira importância para o nosso país, além de resgatar a memória de D. João VI.